

INSTITUTO MISSÕES CONSOLATA

BIÊNIO SOBRE A PESSOA

29 de janeiro de 2021 - 29 de janeiro de 2023

Ficha 07 – julho de 2021

Dimensão humana

TENTAÇÕES E DEPENDÊNCIAS: VIVER A FRAGILIDADE

De tudo sou capaz Naquele que me dá força !
(Fil. 4,13)



**Biênio
sobre a pessoa**

Status Quaestionis

A vida ensina-nos que todos, de uma forma ou de outra, somos "dependentes" e por isso precisamos de ajuda. Não existe uma pessoa perfeita, todos podemos beneficiar de um maior consciência de nós próprios e dos nossos limites e fragilidade.

As pessoas que precisam de uma relação de ajuda são aquelas que não podem viver pacificamente a vida comunitária por várias razões e podem ser vítimas de vários vícios.

A vontade de se deixar ajudar é neste caso fundamental para a pessoa "aflita", mas a participação, colaboração e envolvimento de toda a comunidade na viagem de acompanhamento e ajuda ao irmão é igualmente importante.

A relação de ajuda, em todos os casos, pode beneficiar aqueles que têm problemas de adaptação à vida comunitária e também aqueles que querem enfrentar o autoconhecimento "na verdade", de acordo com o ditado evangélico: "a verdade tornar-vos-á livres" (Jo 8,32).

Se respondêssemos honestamente a um teste com perguntas sobre as várias "dependências" possíveis, descobrir-nos-íamos certamente "positivos" para um ou outro vício; mesmo que sem a gravidade ou intensidade que exigisse uma intervenção médica ou psicológica.

Isto significa que, de uma forma ou de outra, somos todos "viciados". Contudo, existem vícios ou dependências que produzem atos e comportamentos repetitivos e descontrolados, que ao longo do tempo geram tiranias e escravatura.

Os nossos vícios ou dependências, independentemente do tipo (doces, sexo, álcool, internet, televisão, jogos, comida, marijuana, opiáceos, etc.), podem ser lícitos, disfarçados ou ilícitos. O problema é que nos tiram a liberdade e é difícil pedir ajuda para enfrentar e abandonar as nossas dependências escravizadoras, iludindo-nos a nós próprios de que temos a capacidade de sair delas: "Entrei nela e estou a sair dela". Pobre ilusão de um pobre viciado.

Iluminação

Para evitar confusão com alguns dos termos utilizados nesta ficha, vejamos o seu significado etimológico:

- **Tentação:** uma prova, uma tentativa de medir a fortaleza moral e a integridade de uma pessoa.
- **Fragilidade:** aquilo que pode ser quebrado. Deriva da raiz arcaica "frag", que deu origem a uma série de palavras como: "náufrago", "fragmento", "fruto", "fração" "fratura", precisamente por serem realidades fracas, frágeis, instáveis e efêmeras.
- **Debilidade:** do latim *de* (privação) + *habere* (ter capacidade) + *alis* (relativo a) e *tatem* (qualidade), ou seja, o fraco é aquele que sofre a privação de força.
- **Dependência:** do latim e significa "qualidade de quem está sob um poder maior". A dependência é um estado patológico mental ou físico em que uma pessoa precisa de um certo estímulo para alcançar uma sensação de bem-estar.
- **Adição:** do latim *ad* (para) e *dicare* (para entregar) significando: "dado a outro". Em Roma antiga, o "*addictus*" era uma pessoa livre que, devido às suas dívidas, era vendida como escrava e forçada a trabalhar para as saldar.

Certamente que todos nós experimentamos na nossa existência as três primeiras condições (tentação, fragilidade, fraqueza), que nos fazem sentir humanos, sensíveis, empáticos e compassivos para com as fragilidades e fraquezas dos nossos irmãos e irmãs.

Pelo contrário, quando falamos de dependência e adição (não nos referimos aqui à dependência médica por razões de saúde) a nossa empatia, compaixão e sensibilidade parecem diminuir e inconscientemente a nossa perceção da pessoa "dependente" torna-se negativa e condenatória.

Frequentemente nas nossas comunidades ouvimos a expressão: "Não sabemos o que fazer com ele". O desconforto que sentimos quando encontramos confrades em crise, com problemas de álcool, abuso, ou

dependências/adições, faz-nos sentir mal e impotentes e com muitas questões escondidas nos nossos corações que por vezes surgem sob a forma de críticas, acusações e frieza. Na verdade, é muito fácil aduzir um hábito imoral ou um hábito enraizado para estigmatizar o indivíduo a fim de com uma espécie de resignação "lavarmos as nossas mãos".

Orientações

Orientações a nível pessoal

Poderíamos falar de predisposições para a dependência?

Certamente existem fatores genéticos que podem predispor a dependências sendo o cérebro condicionado pelos genes, ou seja, os genes transportam a informação que determina os nossos traços, aspetos ou características de como somos, e que os nossos pais nos transmitiram. *(Aqui somos confrontados com a neurologia e sobretudo com as teorias do ADN, do "inconsciente familiar" da árvore transgeracional. Já não se trata apenas da cor da pele ou do cabelo ou dos olhos, etc., que são determinados pela nossa carga genética, mas da ideia de que isto determina de forma oculta e inconsciente os nossos comportamentos ou adições. Todas estas novas teorias minam o livre arbítrio e sugerem que o que eu faço é definido pelos meus antepassados e não o posso mudar).*

Podemos falar de vícios "familiares" (por exemplo o álcool ou o tabaco) ou de famílias disfuncionais, conflituosas e desintegradas ou famílias que sobreviveram a traumas. Tudo isto é uma predisposição para uma possível dependência.

Há também a "curiosidade" humana (ou tentação); quer-se experimentar algo novo e depois este "algo" prende-nos num caminho que conduz a certas escolhas e comportamentos viciantes. Quantas vezes co ter cedido ingenuamente à curiosidade nos amarrou e nos acorrentou a reações e comportamentos que no início teríamos considerado benevolmente como agradáveis! A passagem do uso momentâneo de uma substância para o vício definitivo é muito fácil

e subtil só porque não reconhecemos (ou não queremos reconhecer) os primeiros efeitos negativos e as consequências nocivas para a vida, iludindo-nos de que poderemos parar quando quisermos. Pobre ilusão de um pobre viciado!

Outra "predisposição" é a forma como o indivíduo enfrenta frustrações, infortúnios, desilusões, complexos, tristeza, fobias, fracassos, desilusões, deceções e contratempos da vida.

Cada um de nós já viveu momentos difíceis e traumáticos em que "as coisas correram realmente mal" em mais do que um sentido. Vamos enumerar alguns:

- **Com Deus**, no seu silêncio, na perda de sentido, no ateísmo submerso, nas dúvidas sobre a sua presença (Meu Deus, porque me abandonaste?). O nosso Fundador costumava dizer: *"Amar a Deus quando se está cheio de consolação, quando tudo está a correr bem, é confortável! Mas amá-lo quando se está na aridez, na escuridão, esse sim é amor verdadeiro"*.
- **Com o IMC**: obediência não partilhada, visão diferente do que é a missão, abandono de pessoas que estimamos, fragilidade e inconsistências do grupo. Mais uma vez ouçamos o Allamano: *"Não aconteça que alguém, depois de ter trabalhado com ardor, por causa de algum conflito ou desconforto, se torne frio, morno e, quase lamente a sua vocação e suspire por aquilo de que abdicou generosamente por amor de Deus e das almas"*.
- **Comigo mesmo**: mudar as perceções, experimentar a minha fragilidade, os meus pecados e fraquezas e não me sentir digno por causa das minhas contínuas fragilidades. O nosso fundador tem palavras interessantes sobre a descoberta de si próprio como pecador: *"Não é tanto o cair na fraqueza que é mau, mas o facto de não se levantar; em vez disso, devemos recomeçar sempre, sem nunca nos cansarmos"*.

A Pergunta crucial é esta: nos momentos de escuridão, qual foi o remédio que tomámos que nos fez suportar a nossa dor interior? Foi o álcool, o sexo, o fumo, o jogo ou tivemos a coragem de partilhar com uma pessoa ou de entrarmos em contacto com Deus através da oração? (ver salmo 54). O nosso autocontrolo - isto é, a capacidade

do indivíduo para regular voluntariamente os seus comportamentos e impulsos - amadureceu o suficiente para nos fazer suportar os reveses, ou procurámos uma "aspirina" que nos tirasse rápida e suavemente a nossa dor? A pergunta de facto é simplesmente esta: como é que cuidamos das nossas fragilidades e fraquezas?

São Paulo experimentou esta dualidade: "embora eu tenha o desejo de fazer o bem, não sou capaz de o fazer" (Rm 7,14-25), e sente-se magoado por esta realidade e ao mesmo tempo sente que a presença de Cristo na sua vida lhe dá a força para avançar no plano de Deus apesar das suas fraquezas e fragilidades: Tudo posso n'Aquele que me dá força" (Fil 4,13) sabendo que "nada nos pode separar do amor de Deus" (Rm 8,38) e que "quando sou fraco, então é que sou forte" (2Cor 12,10).

Orientações a nível comunitário:

E a comunidade: qual é o seu papel?

É evidente que as nossas comunidades não são, nem podem ser, comunidades terapêuticas no sentido estrito. Quando os vícios patológicos se manifestam na comunidade, nota-se que o confrade em dificuldades fará tudo para satisfazer automática e prontamente a compulsão.

A dependência é uma patologia que pode ser curada (com o risco de reincidência) e a ajuda que a comunidade pode oferecer depende totalmente da vontade do confrade em dificuldade de a receber. Sem uma decisão clara de pedir ajuda, a comunidade continuará a relacionar-se com o ele sem o julgar, tendo o cuidado de lhe confiar responsabilidades pastorais como se nada tivesse acontecido. O irmão "afetado pela dependência" precisa de se reconstruir física, emocional e espiritualmente, e é aqui que a comunidade deve assumir a responsabilidade de o orientar para a recuperação em comunidades e em centros especializados.

Nestas situações de sofrimento e desconforto, o espírito de família - que nos é muito caro - deve manifestar-se de forma atenta e discreta para nunca esquecer que somos irmãos, que pertencemos à mesma

família missionária e que devemos apoiar-nos uns aos outros, especialmente nas dificuldades.

"Dois valem mais do que um, pois tirarão mais proveito da sua labuta. De facto se um cai, o outro levanta o seu companheiro; azar, porém, de quem está sozinho; se cair não tem ninguém para o levantar!" (Eclesiastes 4:9-12)

É inevitável, tratando do tema das dependências, voltar a colocar no centro das atenções todo o processo formativo, sublinhar a importância de descobrir as motivações inconscientes que podem levar um jovem a entrar no IMC, porque as inconsistências e os traumas psicológicos e emocionais, muitas vezes adormecidos no subconsciente, com o passar do tempo vêm à tona, determinando escolhas, causando mal-entendidos e criando mal-estar e desconforto na vida da comunidade.

Recomendações

Querendo reiterar a importância de viver o espírito de família e de um processo de formação personalizado, apresentamos algumas recomendações:

A responsabilidade do Superior local e do circunscrição em acompanhar, apoiar e procurar o irmão mais frágil é fundamental.

Ao longo do processo de formação é essencial que seja dada muita atenção a todos os aspetos da pessoa, especialmente ao cuidado da formação humana.

Há alguns elementos importantes a ter em consideração para que a relação de acompanhamento seja eficaz e verdadeira na ação de apoio: o fator intercultural, o contexto familiar, a gestão do dinheiro, tanto na vida pessoal como ministerial, a relação com a autoridade, a capacidade de viver em solidão e a sobrecarga de trabalho ... e outros aspetos que condicionam a pessoa e determinam a sua relação com o seu mundo interior e relacional.

Algumas propostas de apoio

A Direção Geral está a considerar uma série de propostas de apoio a nível de Instituto. Pedimos a vossa opinião, tanto como membro da comunidade como individualmente:

1. **"Escola IMC de Imersão no Carisma"**. Consiste num curso intensivo de formação que visa oferecer todos os anos a um grupo de missionários (máximo 10/12) a oportunidade de viver e participar numa forte experiência do carisma, um conhecimento profundo e sério da nossa história e do Fundador, da espiritualidade do Instituto e da missão. Terá lugar entre Roma e Turim, com períodos prolongados de estadia em Castelnuovo e nos lugares da Memória. Procurar-se-á fazer uso tanto da experiência como do estudo para que o curso seja cativante a fim de entusiasmar os missionários. No final do curso, os participantes continuarão os seus estudos de especialização para serviços particulares ao Instituto (como Formadores, Ecónomos, Superiores Locais, Animadores...).
2. **"Ano Allamaniano"**: após 10-15 anos da ordenação e/ou profissão religiosa, a proposta de um ano "Allamaniano", obrigatório para todos, para a revitalização.
3. **"O Anjo Consolador"**: confiar cada jovem missionário durante os três primeiros anos de ordenação, ou profissão religiosa perpétua para os irmãos, ao cuidado e acompanhamento de outro missionário "mais velho e sábio" para o acompanhar e apoiar a sua viagem.

Pedimos-te que envies os teus contributos, respostas e/ou comentários para o Secretário-Geral (dige@consolata.net). Obrigado.